ISSN: 2358-8829

TEATRALIZAR A CRISE, TRANSFORMAR O OLHAR: EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E LUDICIDADE TEATRAL NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS)

Amanda Ellen Lima Araújo [1]
Antônia Arisdélia Fonseca Matias Aguiar Feitosa [2]

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental (EA) constitui um campo formativo que busca compreender as relações entre sociedade e natureza, articulando dimensões ecológicas, sociais, políticas e econômicas. No contexto escolar, entretanto, suas práticas ainda podem se restringir à transmissão de conhecimentos ecológicos e à promoção de comportamentos individuais considerados ambientalmente adequados, sem problematizar as estruturas e relações de poder que contribuem para a produção dos problemas socioambientais (Guimarães, 2013).

Em contraposição a essa perspectiva, a Educação Ambiental Crítica (EAC) propõe uma formação comprometida com a participação social, a reflexão sobre as desigualdades e a compreensão das contradições que atravessam a crise socioambiental (Quintas, 2008; Layrargues; Lima, 2014).

Na educação básica há vários campos formativos com potencialidades para desenvolver nos estudantes, além de competências teóricas, habilidades importantes para a constituição de sujeitos protagonistas de sua aprendizagem e de sua história na sociedade. Dentre os espaços supramencionados enfatizamos o componente curricular Projeto de Vida - inserido na política nacional oficial a partir da homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da reforma do Novo Ensino Médio.

Este componente curricular busca colocar o protagonismo juvenil e o planejamento pessoal, social e profissional no centro do currículo. Desenvolve aspectos pessoais (autoconhecimento, valores, talentos), sociais (empatia, coletividade) e profissionais (aspirações, carreira, metas) (Brasil, 2018). Nesta perspectiva, trata-se de um espaço rico para várias possibilidades de articulação com ações educativas que coloquem as metodologias

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, amandaellen2015@gmail.com;
[2] Orientadora: Docente do Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Sistemática e Ecologia do CCEN/UFPB, arisdelfeitosa@gmail.com

ISSN: 2358-8829

ativas como mediação no processo ensino-aprendizagem, pois contemplarão dimensões individuais, formação cidadã, a autonomia e a participação coletiva. Ressaltamos a EAC como força propulsora na execução das atividades curriculares em que os projetos individuais que se constituem em contextos históricos e sociais que condicionam as possibilidades de atuação dos sujeitos (Severiano, 2021; Nunes; Kaercher, 2025). Nesse sentido, problematizar as questões socioambientais nesse componente curricular pode favorecer a compreensão de que os desafios contemporâneos não dependem apenas de mudanças individuais, mas também da participação coletiva e da transformação das condições que produzem as desigualdades.

Para contribuir com essa abordagem, a ludicidade teatral apresenta possibilidades pedagógicas por articular expressão corporal, criatividade, diálogo e construção coletiva de significados. Os jogos teatrais e as improvisações permitem que os estudantes experimentem diferentes perspectivas, representem situações-problema e argumentem sobre conflitos que envolvem interesses sociais distintos (Spolin, 2012; Boal, 2019). Quando articuladas à Educação Ambiental, essas experiências podem favorecer tanto a compreensão de relações ecológicas quanto a problematização das dimensões sociais e políticas dos conflitos ambientais, aproximando os conteúdos discutidos da realidade dos participantes.

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo desenvolver a consciência socioambiental e o protagonismo de estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental a partir da ludicidade teatral no contexto da Educação Ambiental Crítica. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória e participante, desenvolvida com estudantes do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Francisco Campos, localizada no bairro de Anatólia, em João Pessoa-PB. As intervenções pedagógicas envolveram a análise de imagens de problemas socioambientais do entorno escolar, uma caminhada performativa, jogos teatrais, discussões coletivas, elaboração de roteiros e encenação. Os dados foram construídos por meio da observação participante, de registros em diário de campo e da análise das produções dos estudantes, incluindo mapas mentais, questionários e narrativa teatral.

Os resultados evidenciaram que as percepções iniciais dos estudantes eram predominantemente marcadas pela responsabilização individual e por soluções centradas em mudanças comportamentais. Ao longo das atividades, especialmente durante a elaboração coletiva do roteiro e sua encenação, observou-se uma ampliação das interpretações, com a incorporação de diferentes atores sociais, conflitos de interesses, desigualdades e formas coletivas de enfrentamento dos problemas socioambientais. Também foram identificados

avanços na argumentação, na interação e na participação dos estudantes. Assim, a experiência indica que a ludicidade teatral pode contribuir para uma Educação Ambiental mais crítica, participativa e contextualizada, embora a consolidação de uma consciência socioambiental crítica constitua um processo contínuo, que não se esgota em uma única intervenção pedagógica.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de caráter descritivo, exploratório e participante, buscando compreender as experiências e interpretações dos estudantes em seu contexto escolar (Kauark; Manhães; Medeiros, 2010; Lösch; Rambo; Ferreira, 2023). Foi desenvolvida entre novembro de 2025 e julho de 2026, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Francisco Campos, em João Pessoa-PB, com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental. Quinze estudantes atenderam aos critérios éticos de inclusão e compuseram o conjunto de participantes cujos dados foram analisados. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (CEP/CCS/UFPB), com Certificação de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) - 97582726.0.0000.5188.

A intervenção pedagógica ocorreu em sete encontros, entre maio e julho de 2026, organizados em etapas articuladas. A primeira etapa envolveu a análise documental do Plano de Curso de Projeto de Vida (2026) e do projeto Gamificação na Educação Ambiental, buscando identificar a inserção da temática socioambiental no planejamento escolar. Em seguida, foi desenvolvida uma atividade diagnóstica com imagens de problemas socioambientais do entorno da escola, como descarte inadequado de resíduos e deficiências de saneamento. Organizados em trios, os estudantes elaboraram mapas mentais orientados por questões sobre a ocorrência, a caracterização e as causas dos problemas apresentados.

Na segunda etapa, realizou-se uma caminhada performativa pelo quarteirão da escola, incentivando a observação de aspectos da infraestrutura urbana e das condições socioambientais locais, conforme a perspectiva de atenção ao espaço cotidiano discutida por Kahn e Duarte (2018). Após a socialização das percepções, uma exposição dialogada articulou conceitos ecológicos à Educação Ambiental Crítica (EAC), abordando impactos

ambientais, desigualdades socioambientais, legislação, responsabilidades do poder público e possibilidades de enfrentamento.

Na terceira etapa, foram desenvolvidos jogos teatrais fundamentados em Spolin (2012). No jogo Parte de um Todo, os estudantes representaram elementos bióticos e abióticos de um ecossistema e suas interações, experimentando alterações provocadas pela urbanização, pelo desmatamento e pela poluição hídrica. Posteriormente, os jogos Cena Guiada e Troca, adaptados de Matias e Imperador (2021), foram utilizados na improvisação de conflitos socioambientais envolvendo a construção de uma ponte em área de Mata Atlântica e a implantação de um parque aquático em área protegida habitada por comunidade indígena. Após as encenações e discussões, os estudantes responderam a um questionário orientador para subsidiar a criação dos roteiros teatrais.

Na quarta etapa, as propostas individuais e em duplas foram discutidas coletivamente para definir o tema, o cenário, os personagens, o conflito e o desfecho da peça. Os estudantes confeccionaram materiais cênicos, organizaram o cenário e realizaram um ensaio geral. A peça foi apresentada em sala de aula, com recursos simples, como tecidos de TNT e cadeiras, para representar ambientes costeiros e elementos relacionados à poluição. A apresentação foi adaptada para esse espaço devido à insegurança dos estudantes em atuar diante de um público ampliado.

Os dados foram produzidos por análise documental, observação participante, diário de campo, mapas mentais, questionários, discussões coletivas e produções teatrais. A avaliação processual e qualitativa articulou essas fontes por triangulação metodológica (Suto *et al.*, 2021), considerando as percepções socioambientais, a participação estudantil e a presença de dimensões sociais e políticas nas narrativas construídas, em consonância com a perspectiva formativa de Boggino (2009).

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Ambiental Crítica (EAC) rompe com abordagens reducionistas, conservacionistas e estritamente comportamentais que limitam a EA à transmissão de conhecimentos ecológicos isolados ou à reciclagem (Slonski; Torres, 2022). Inspirada na Teoria Crítica, no Materialismo Histórico e na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire (1996), a EAC politiza o debate ambiental ao compreender que os problemas ecológicos são indissociáveis das relações de poder, do modelo de desenvolvimento e das assimetrias sociais

que geram injustiça ambiental (Quintas, 2008; Layrargues; Lima, 2014; Silva, 2026). Partindo de temas geradores extraídos da realidade dos estudantes, o processo educativo busca formar sujeitos históricos, críticos e participativos, capazes de atuar coletivamente na transformação da realidade (Loureiro, 2007; Tozoni-Reis, 2006).

A Ecologia fornece os conceitos fundamentais para compreender as interações entre fatores bióticos e abióticos nos ecossistemas (Garcia, 2014). Contudo, quando ensinada de forma descontextualizada e puramente técnica, restringe-se à memorização, falando em contemplar as causas estruturais da crise socioambiental (Correia, 2018). Para superar essa limitação, a EAC propõe que os conhecimentos ecológicos sejam articulados às experiências concretas e aos problemas do território dos estudantes (resíduos, água, saneamento e perda de biodiversidade), integrando Ciências, educação e política em uma perspectiva ecocêntrica e interdisciplinar voltada à justiça socioambiental (Garcia, 2014; Silva, 2026).

Os Jogos Teatrais de Viola Spolin (2012) fundamentam-se no princípio do "aprender fazendo", deslocando o eixo da memorização para a resolução de problemas por meio da ação. Utilizando elementos como foco, instrução e avaliação formativa, os jogos mobilizam os estudantes a pensar, criar e interagir coletivamente. Nessa perspectiva, o teatro atua como uma prática pedagógica ativa que estimula o pensamento crítico, a cooperação e a tomada de decisões, sendo útil em todos os aspectos da aprendizagem e da vida (Spolin, 2021).

A Arte-Educação-Ambiental utiliza a experimentação estética e a performance para desvelar as relações entre o sujeito e o mundo (Matarezi; Carelli; Lamas, 2021). Como "pedagogia performativa" (Icle, 2021), a performance questiona hábitos institucionalizados e corporificados (Pineau, 2006). Práticas como a caminhada silenciosa e orientada funcionam como dispositivos estéticos e políticos que desaceleram o cotidiano urbano, promovendo uma alfabetização estética e uma escuta atenta do território (Kahn; Duarte, 2018; Serpa, 2022). A experiência sensível mobiliza a afetividade e fortalece vínculos éticos de cuidado com o meio ambiente (Matarezi; Carelli; Lamas, 2023).

O protagonismo juvenil, preconizado pela BNCC (Brasil, 2018) e alinhado aos referenciais de Piaget, Vygotsky e Freire, reconhece o estudante como sujeito ativo da aprendizagem e agente de transformação social (Severiano, 2021; Jesus; Resende, 2026). Embora o componente curricular Projeto de Vida possua esse potencial emancipatório, ele enfrenta riscos de assumir um viés neoliberal e individualizante, responsabilizando o jovem pelo próprio sucesso e secundarizando as determinantes estruturais (Nunes; Kaercher, 2025; Silva, 2026). Para contrapor essa lógica, a EAC ressignifica o protagonismo, integrando-o à

ISSN: 2358-8829

defesa dos territórios e à ação coletiva. As práticas teatrais unem-se a esse esforço ao transformarem o estudante em autor de sua aprendizagem, articulando identidade, cidadania e consciência socioambiental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto escolar e as percepções socioambientais iniciais

A análise documental identificou aproximações entre a proposta da pesquisa e iniciativas já desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Francisco Campos. O Plano de Curso de Projeto de Vida contemplava competências como autonomia, solidariedade, comunicação e argumentação, enquanto o projeto Gamificação na Educação Ambiental propunha metodologias participativas para favorecer o envolvimento dos estudantes com questões ambientais. Embora apresentassem estratégias distintas, ambas as iniciativas ofereciam possibilidades de articulação com a ludicidade teatral, especialmente pela valorização da participação estudantil e da aprendizagem contextualizada. Essa aproximação reforça a importância de integrar a Educação Ambiental ao cotidiano escolar, em vez de restringi-la a ações pontuais (Brasil, 1997; Loureiro, 2007).

Na atividade diagnóstica, os estudantes reconheceram prontamente os cenários de degradação do entorno escolar retratados em imagens, destacando o acúmulo de resíduos e o esgoto a céu aberto. Elementos como contaminação da água e proliferação de vetores foram associados à saúde pública (Silva; Guimarães, 2013). O esgoto recorrente na porta da escola foi mencionado como um problema incômodo, embora a frequência dos problemas no próprio bairro tenha sido tratada por alguns como "rara", sugerindo a naturalização do espaço degrada-se no cotidiano.

Em relação às responsabilidades e soluções, observou-se uma tensão entre a crítica à gestão pública e a culpabilização da população. Prevaleceu a indicação de soluções pautadas no "ecologismo ingênuo", (Porto-Gonçalves, 2006; Philippi; Pelicioni, 2014). Eles demonstraram estar mais focados em limpeza, pintura de muros, reciclagem e conscientização individual, sem problematizar os determinantes econômicos e políticos da crise urbana (Andrade; Pimenta, 2017). A dualidade conceitual "ser humano versus natureza" (Cardoso; Mesquita, 2020) evidenciou uma visão conservacionista e exteriorizada do meio ambiente, que funcionou como ponto de partida para o processo interventivo.

ISSN: 2358-8829

A caminhada performativa e os jogos teatrais como experiências de aprendizagem

A caminhada silenciosa no entorno da escola rompeu com o automatismo do deslocamento diário (Araújo; Alice, 2016; Martins, 2021). A despeito da timidez inicial do grupo e do estranhamento dos transeuntes, o revezamento espontâneo de líderes direcionou o olhar para depósitos de entulho, infraestrutura urbana precária e descarte inadequado de marmitas de isopor (Tavares, 2023).

A sistematização e a aula expositiva posterior revelaram deslocamentos perceptivos significativos: a Estudante 1, que classificara o lixo como "raro" no diagnóstico, relatou espanto ao notar a extensão dos resíduos no trajeto habitual. Além disso, o Estudante 3 tensionou o debate sobre justiça ambiental ao comparar a infraestrutura dos bairros nobres (Tambaú) e vulneráveis (Grotão) de João Pessoa, demonstrando como a experiência performática sensorial favoreceu a transição de um olhar puramente estético para uma interpretação sociopolítica e territorial do espaço Tavares, 2023; Matarezi; Carelli; Lamas, 2023).

A vivência corporal do ecossistema da Mata Atlântica através da adaptação do jogo Parte de um Todo (Spolin, 2012) permitiu aos estudantes superar a timidez e compreender a teia de interdependência ecológica. As dinâmicas de impermeabilização do solo, poluição hídrica e desmatamento foram experienciadas com engajamento: o Estudante 7 expressou "agonia" ao perceber que a simulação da impermeabilização urbana reduzia a água disponível para infiltração e abastecimento dos rios (Capra, 2003; Oliveira, 2024). A vivência prática ancorou conceitos de fatores bióticos/abióticos, ciclo da água e nichos de polinização de forma orgânica e significativa.

Subsequentemente, a aplicação da Cena Guiada integrada ao recurso Troca (Matias; Imperador, 2021) direcionou o foco pedagógico para a mediação de conflitos socioambientais. Na Situação 1 (Construção da Ponte), a Estudante 2 apropriou-se do papel de bióloga para defender o licenciamento com fundamentação em biomas e espécies nativas, enquanto o Estudante 3 (Prefeito) e o Estudante 6 (Morador) tensionaram as dimensões políticas e de transporte da classe trabalhadora ("escala 6x1"). Na Situação 2 (Parque Aquático), o confronto opôs a lógica mercantil dos empresários (Estudantes 4 e 7) e a defesa socioambiental e cultural liderada pela comunidade indígena e equipe técnica (Estudantes 8, 11 e 14). A vivência dramática operou como arena de negociação ética e política, demonstrando como o jogo cênico instrumentaliza o conhecimento científico na resolução de dilemas reais (Layrargues; Lima, 2014).

ISSN: 2358-8829

Das produções iniciais à criação teatral coletiva

A análise dos questionários em duplas evidenciou que as primeiras tentativas de elaborar roteiros teatrais ancoravam-se nos temas debatidos nas oficinas (lixo, enchentes, caça e desmatamento). Contudo, a maioria das soluções permaneceu vinculada ao paradigma pragmático: resoluções, mediante "conscientização do caçador" ou "mutirões de limpeza dos moradores", eximindo os poderes públicos e agentes corporativos de suas responsabilidades institucionais. Esse diagnóstico inicial refletiu o histórico de abordagem conservadora arraigado na cultura escolar (Nogueira; Teixeira, 2024), servindo de base para a construção coletiva subsequente.

A síntese do roteiro coletivo demonstrou um salto qualitativo nas interpretações do grupo. A narrativa integrou degradação do manguezal, poluição marinha, interesses industriais e o trabalho precarizado de catadores e ambulantes. O enredo reuniu atores sociais diversos: empresários da fábrica poluente, bióloga, imprensa, ONGs, animais atingidos e poder público.

A inovação central residiu no desfecho: em vez do "final feliz" comportamental, a história culminou na elaboração e tramitação de um Projeto de Lei para proteção do ecossistema costeiro. A ausência de um desfecho simplista refletiu a apreensão das disputas de poder, reconhecendo que transformações socioambientais demandam articulação política, pressão popular e ação coletiva contínua (Loureiro, 2021; Nogueira; Teixeira, 2024).

A encenação e o protagonismo estudantil

Realizada em sala de aula, devido à insegurança dos estudantes em se apresentar para um público ampliado, a encenação utilizou materiais simples, como tecidos de TNT, para representar a praia, o mar e o manguezal. Um estudante assumiu espontaneamente a função de narrador, enquanto os demais interpretaram personagens envolvidos no conflito socioambiental.

A peça evidenciou a diversidade de perspectivas construída coletivamente: representantes da fábrica defendiam a geração de empregos, enquanto vendedores ambulantes, ativistas, jornalistas e representantes da fauna expressavam os impactos sociais e ambientais da poluição e da destruição do manguezal. O desfecho, com a proposta de um projeto de lei ainda sem aprovação garantida, destacou a necessidade de mobilização social contínua.

Embora a participação tenha variado, estudantes inicialmente mais reservados contribuíram nas improvisações, na elaboração do roteiro ou na encenação. A experiência ampliou as possibilidades de expressão, argumentação e colaboração, em diálogo com Spolin (2012) e Freire (1996).

Em conjunto, os resultados indicam que a ludicidade teatral favoreceu a articulação entre conhecimentos ecológicos, território e conflitos socioambientais. A narrativa coletiva passou a incorporar, além de comportamentos individuais, desigualdades, interesses econômicos e formas de participação política. Embora não seja possível afirmar que uma única intervenção tenha consolidado uma consciência socioambiental crítica, os dados sugerem uma ampliação das formas de interpretar e representar os problemas ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação alcançou seu propósito ao desenvolver uma práxis pedagógica que articulou a Educação Ambiental Crítica à ludicidade teatral no 9º ano do Ensino Fundamental. A trajetória reflexiva revelou um deslocamento perceptivo importante: as visões iniciais, pautadas na responsabilização individual e na mera adequação de condutas, deram lugar a narrativas que problematizaram as desigualdades socioambientais, as pressões econômicas, os diferentes sujeitos sociais e a ação política. A vivência artística fortaleceu a argumentação, a criatividade e o protagonismo dos discentes, consagrando o teatro como um potente dispositivo para uma Educação Ambiental participativa e contextualizada. Por se tratar de um recorte temporal delimitado, os achados não esgotam a consolidação da consciência socioambiental crítica, mas evidenciam a fecundidade de processos pedagógicos ancorados na criação coletiva, no diálogo e na apreensão das dimensões políticas da crise ambiental.

Palavras-chave: Arte-educação, Metodologias ativas, Pesquisa participante, Jogos teatrais, Protagonismo juvenil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. M. de; PIMENTA, A. P. Comportamentos pró-ambientais e crise ecológica: a importância do indivíduo a partir de sua escala local. Ciência e Sustentabilidade, Juazeiro do Norte, v. 3, n. 2, p. 23–45, jul./dez. 2017. DOI: https://doi.org/10.33809/2447-4606.32201723-45.

ARAÚJO, A.; ALICE, T. A ação disruptiva no espaço urbano: um treinamento ativista. In:

BEIGUI, A.; BRAGA, B. (org.). Treinamentos e modos de existência. Natal: EDUFRN, 2013. p. 10–20.

BOAL, A. Os três mandarins comilões e o engenho do povo magro. Olhares, São Paulo, v. 7, n. 1 e 2, p. 91–94, 2019. DOI: https://doi.org/10.59418/olhares.v7i1.137.

BOGGINO, N. A avaliação como estratégia de ensino: avaliar processos e resultados. Sísifo: Revista de Ciências da Educação, Lisboa, n. 9, p. 79–86, maio/ago. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 31 mar. 2026.

CAPRA, F. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século XXI. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, L. A. R.; MESQUITA, Á. N. de S. O homem como parte integrante da natureza: a percepção ambiental sobre o Parque Estadual de Dois Irmãos em Recife – Pernambuco. Educação Ambiental (Brasil), v. 1, n. 1, 2020. DOI: https://doi.org/10.66205/eabra.v1i1.4.

CORREIA, S. O. de B. Educação ambiental e o ensino de ecologia: o que mostram os livros didáticos. Revista Educação Ambiental em Ação, n. 45, 2018.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, M. F. A importância dos conceitos de ecologia no ensino fundamental. 2014. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira, Medianeira, 2014.

GUIMARÃES, M. Por uma Educação Ambiental Crítica na sociedade atual. Revista Margens Interdisciplinar, Belém, v. 7, n. 9, p. 11–22, 2013. DOI: https://doi.org/10.18542/rmi.v7i9.2767. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2767. Acesso em: 21 jul. 2026.

ICLE, G. (dir.). Formação e processos de criação: pesquisa, pedagogia e práticas performativas. Porto Alegre: UFRGS; São Paulo: Max Limonad, 2021. v. 1, n. 1. ISBN 978-65-88297-41-4. Disponível em: https://hal.science/hal-04353734. Acesso em: 18 jul. 2026.

JESUS, C. S. de; RESENDE, G. D. M. Perspectivas críticas da educação ambiental na formação socioambiental de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, 8 abr. 2026. ISSN 2448-0959. DOI: https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/perspectivas-criticas. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/perspectivas-criticas#artigocientifico. Acesso em: 21 jun. 2026.

KAHN, F.; DUARTE, P. A prática do silêncio no trabalho teatral e parateatral. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 347–361, maio/out. 2018. DOI: https://doi.org/10.35699/2238-2046.15625. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15625. Acesso em: 9 jun. 2026.

KAUARK, F. da S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. Metodologia da pesquisa: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. da C. As macrotendências político-pedagógicas da

educação ambiental brasileira. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23–40, jan./mar. 2014.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, e023141, 2023. DOI: https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental crítica: contribuições e desafios. São Paulo: Cortez, 2021.

MARTINS, C. de F. O espectador da performance urbana artivista: uma análise da recepção da intervenção Cegos, do Desvio Coletivo. 2021. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. DOI: https://doi.org/10.11606/T.27.2021.TDE-10022022-124222. Disponível em: https://www.academia.edu/75863545/O_espectador_da_performance_urbana_artivista_uma_análise_da_recepção_da_intervenção_Cegos_do_Desvio_Coletivo. Acesso em: 21 jul. 2026.

MATAREZI, J.; CARELLI, M. N.; LAMAS, N. de C. A performance, o suprassensorial e a experiência nas instalações da Trilha da Vida. REMEA: Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 40, n. 1, p. 31–52, jan./abr. 2021.

MATIAS, T. P.; IMPERADOR, A. M. Jogos teatrais aplicados à educação ambiental. Revista Brasileira de Educação Ambiental, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 532–546, 2021.

NOGUEIRA, L. S. B.; TEIXEIRA, C. Os entraves da tendência pragmática para uma educação ambiental emancipatória. Cadernos CIMEAC, Uberaba, v. 7, n. 2, p. 146–161, 2017. DOI: https://doi.org/10.18554/cimeac.v7i2.2024.

NUNES, N. W.; KAERCHER, N. A. A disciplina projeto de vida: uma crítica propositiva para a prática docente. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar, Mossoró, v. 11, n. 37, dez. 2025.

OLIVEIRA, M. C. Contribuições do teatro para o engajamento nas aulas de Ciências. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2024.

PHILIPPI JUNIOR, A.; PELICIONI, M. C. F. (ed.). Educação ambiental e sustentabilidade. Barueri: Manole, 2014.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329–343, maio/ago. 2006.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

QUINTAS, J. S. A educação no processo de gestão ambiental. Salto para o Futuro, Rio de Janeiro, ano XVIII, boletim 01, p. 30–40, mar. 2008. Disponível em: https://repositorio.cetesb.sp.gov.br/items/45afaa69-abd9-4cf1-b4fc-63f68b6d10dd. Acesso em: 7 abr. 2026.

SERPA, A. M. da M. A performatividade do caminhar: uma possibilidade de análise espacial em Petrópolis/RJ. PIXO: Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, Pelotas, v. 6, n. 20, p. 174–197, 2022. DOI: https://doi.org/10.15210/pixo.v6i20.20913.

SEVERIANO, G. M. Protagonismo e autoria: dialogando com a disciplina de projeto de vida.

2021. 25 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2021.

SILVA, C. C. M.; GUIMARÃES, M. Mudanças climáticas, saúde e educação ambiental como política pública em tempos de crise socioambiental. Revista de Políticas Públicas, São Luís, v. 22, n. esp., p. 1151–1170, 2018. DOI: https://doi.org/10.18764/2178-2865.v22nEp1151-1170. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/3211/321158844059/html/. Acesso em: 22 jul. 2026.

SILVA, I. F. da. Educação ambiental crítica: uma análise teórica sobre seus fundamentos e desafios na contemporaneidade. Revista DELOS, Curitiba, v. 19, n. 77, p. 1–10, 2026. DOI: https://doi.org/10.55905/rdelosv19.n77-015.

SLONSKI, G. T.; TORRES, J. R. A Educação Ambiental crítico-transformadora e o quefazer dos educadores ambientais do IFSC. Revista Sergipana de Educação Ambiental (REVISEA), São Cristóvão, v. 9, n. 1, 2022.

SPOLIN, V. Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SPOLIN, V. Improvisação para o teatro. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021. 384 p.

SUTO, C. S. S.; PAIVA, M. S.; PORCINO, C.; SILVA, D. de O.; OLIVEIRA, J. F. de; COELHO, E. A. C. Análise de dados em pesquisa qualitativa: aspectos relacionados à triangulação de resultados. Revista Enfermagem Contemporânea, Salvador, v. 10, n. 2, p. 241–245, 2021. DOI: https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v10i2.3863. Disponível em: https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/3863. Acesso em: 2 out. 2026.

TAVARES, G. T. Práticas do zanzar: jogos artístico-pedagógicos em caminhada. 2023. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

TOZONI-REIS, M. F. de C. Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Educar em Revista, Curitiba, n. 27, p. 93–110, 2006. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000100007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/NF53QF3xZhTHWjVVznd57zG/?format=html&lang=pt. Acesso em: 20 jun. 2026.